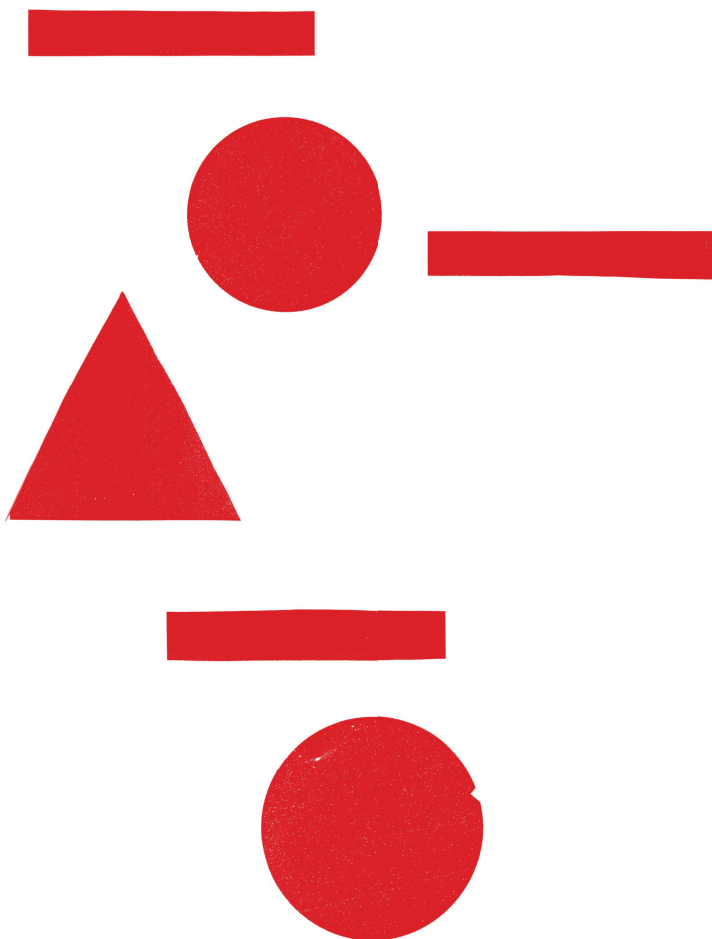




Copyright © Editora Patuá, 2017.
Amorte chama semhora © Jr. Bellé, 2017.

Editor

Eduardo Lacerda

Capa

Rodrigo Sommer

Projeto gráfico e diagramação

Ricardo Ampudia e Kareen Sayuri

Revisão

Israel de Sá

Assistente editorial

Ricardo Escudeiro

B433a Bellé, Jr.
Amorte chama semhora. / Jr. Bellé. – São Paulo: Editora
Patuá, 2017.

ISBN: 978-85-8297-393-6

1. Poesia Brasileira I. Título.

CDD – 869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia Brasileira : Literatura brasileira

869.91

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Patuá

Rua Manuel Luiz de Araújo Costa, 287 – Casa 1

CEP 03280-020 São Paulo – SP Brasil

Tel.: (11) 2216-0407

www.editorapatua.com.br

Amor Te
CH Ma
S Em Pã
Jr. BeLLÉ


PATUÁ
EDITORA

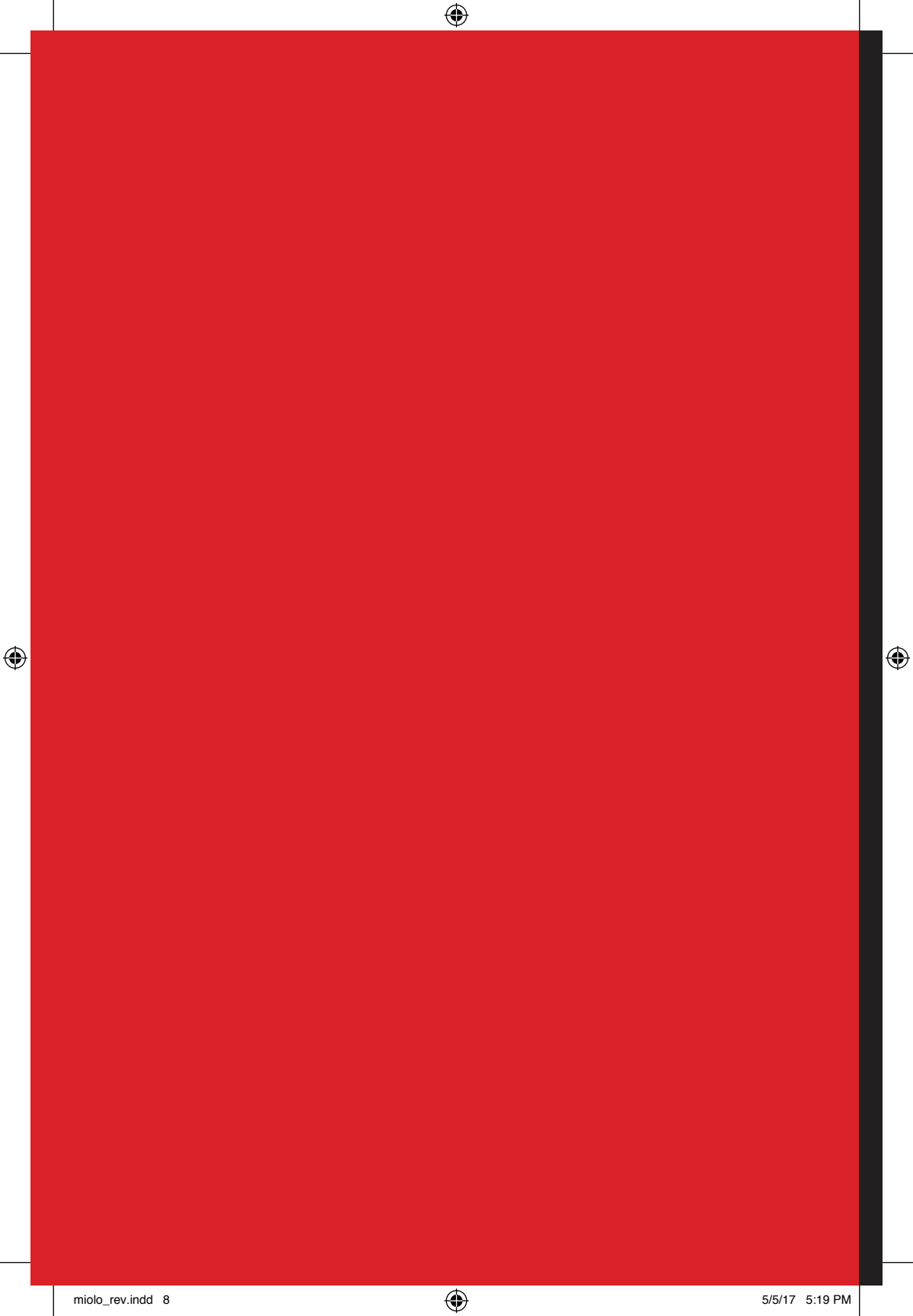


para **albertina** e gi



*te quiero porque tu boca
sabe gritar rebeldía*
- **lucía sánchez saornil**

*déjame que te hable también con tu silencio
claro como una lámpara, simple como un anillo*
- **luce fabbri**





destoou-estou:
lutando-ando e resistindo-into
apesar-pesar do cansaço-aço da vida-ida
e dessa tristeza-teza que corrói-rói
a **alegria-ria-ia-ia**
e linda-ainda vai-ai-ai
e que assim-sim subversiva-sivá-vá-vá
como sua natureza-reza
como sua selvagem-selva
como uma estrela-ela
a brilhar-rilhar-ilhar

amorte chama **sempora**
é um moinho sem rede
é um jazz sem mim
um prântano no peito
seco-eco do fim

mas lá no ceu ínterim
tua nuvem-vem
e aonde quer que ela flor
eu voo
floresser tãobém

eu e meu relócio cheio de orlas e cios fora de hora
fora de ordem

a máquina e seu relódio de bolso
contra o primeiro beijo e o último abraço
contra o orgasmo e a saudade
contra tudo que seja breve e humano **como a eternidade**

num sunday gelado como o winterverno de curitiba
real as well o sonho de um blind de nascença
so true quanto um truque de cards of a magician maneta
uma arrepiada happy girl
name: utopia
mais black que o sol black da melancolia
pula sua beautifulia
no carnawall do meu coração

dos seus eyes uma drop de dó... so só... fall...
dos seus ais one last samba for all

dance em mim **black utopia**
please, free me todo desse mal
dance me in, pretinha
não, não dance me out

está escuro lá fora e você ainda aqui de manha
atrás da porta a máquina maquina contra nós
sua sanha assassina
eu sei que em breve a cidade inteira
se renderá
e você - **rojita** - com essa alma mansa
e esses dentes afiados
fica toda dengosa
ninando a preguiça
querendo amar
até que o dia ou o mundo se acabe
num ah
num ai
num ui
nunca se sabe
a morte às vezes vem cedo
e na vida às vezes já é tarde
e da próxima vez não tarde
que eu cedo
a cada vez que você parte
de mim
pra ir trabalhar

excedo o amor **todo dia bem cedo**
quando bolo sonhos em sedas longas
e os guardo no canto vago da carteira de cigarros
e tomo o rumo do trabalho
boto a carteira na mochila
(ao lado do livro da vez e da blusa de manga comprida
para o acaso de qualquer mistério ou outono inesperado)
boto as mãos nos bolsos
e os olhos eu boto no céu
caminho assoviando uma canção triste
primeiro qualquer coisa do caetano
então um choro do noel
mas no meu coração ainda bate
um manguêbeat do chico
um afro-samba do baden
bate-baden-bate
pra que esse dia logo se acabe
e eu possa acender aquele sonho
às seis e meia da tarde
com o fogo que ainda me arde
e volte pra casa contente
a pisar nos pesares



não importa a dureza do dia a dia
uma **amacieira** crescerá linda
quando eu repomar pros teus braços

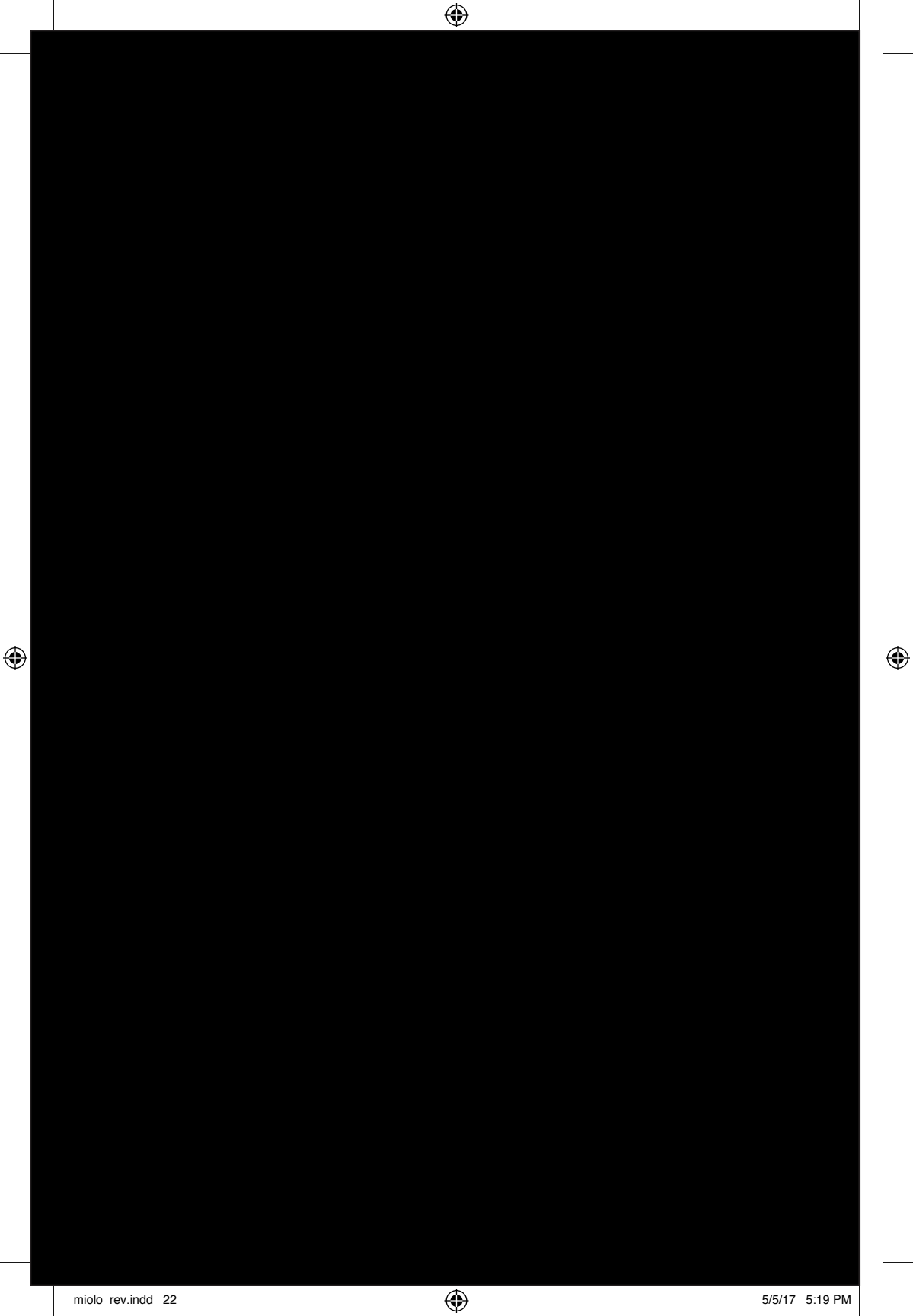


.....línguas..que..se..lambem.....
isso..é..linguagem.....
todo..o..resto.....
é..poesia.....

chovo **sóis raio** mares

passava creme antirrugas nos aviários às margens dos olhos
gel anti-idade nos riachos da testa
testava a tez esticando os lábios e alisando com a ponta dos dedos
o largo atalho até as narinas
besuntava as ancas com pomadas hidratantes
contra as trincheiras de celulite escavadas nas coxas
e pedia que eu espalhasse o restante e massageasse
aquelas que perigosamente avançavam pelas montanhas da bunda
havia estrias em sua barriga gigante
havia vida que de sua vagina deslizaria num instante
ela tem 31 grávida de 8 alma de 20 corpo de 25
mais muito mais do que 7 pecados para cada mandamento
que esqueceu
para cada versículo com que limpou o cu
tão logo completou 18 e fugiu da casa dos pais
com menos de 15 reais no bolso
teve 9 trabalhos de bosta 4 empregos de bosta 43 amantes
44 decepções amorosas 11 paixões fulminantes
e dos 3 amores verdadeiros
apenas 1 sobreviveu ao tempo à rotina ao tédio e à decepção
inerente a todo e qualquer ser humano médio: eu

eu: que já avancei casas no cinto da calça que cruzei
a linha amarga dos quarenta que combato a gravidade com vinho
que prescindindo do gozo para manter a sanidade que pressinto
o gosto de morte das pílulas para impotência
eu: que vejo meu império de carne despencar
e as memórias ardentes esfriarem e esfriarem
até estarem apáticas resignadas à incomplacência dos poros
e tornarem-se pelancas balançando na flacidez dos músculos
deste corpo
maldito corpo cúmplice do tempo corpo quórum de indícios
rastro de vestígios de vida corpo poço de espíritos
passo de halos saco de sangue **corpo tolo corpo**
todo exposto espelho d'alma osso cílio perna estômago cuspe merda
corpo torpe corpo enxuga tuas rugas no lençol sujo de ontem
corpo como um toldo torto onde chovo olhares
onde suas tempestades onde a pele envolve como envelope
endereçado aos céus mas interessado na carne na terra
no toque na matéria que se esvai e se desfaz disfarçada de célula
nas trocas de pelo com pelo no estalo na fagulha que resta
quando dois corpos se chocam
debaixo das asas como duas feras rompendo a casca



ia colher uma **romãnhã** madura
mas bem-te-vi entre as amoreiras

o amorígene contempuritano e sua selvagênese de recalquitos, mentilongos e traumoscas rezunindo e dezumbindo ao relesdor das iradeias como anjiabos consencreiros. acurizam, entesão, no tabúraco da custão: hà, sinão, uma transsenxualidade humanimal? trata-ser, escularo, de um devireito de toda espíricência evolulinda (a prostintuição dos desejogos; as nefemmelibatas; a libertinação da paichão e o desmamãe com suas tetativas cheias de reinfâncias) e se não foice a **proesia**, o que se ria?

ter um **pau enfiado no cu**, senhores, é por vezes muito mais prazeroso do que ter seus poemas enfiados nos ouvidos. ter um pau enfiado no rabo, macho, é certamente mais interessante do que ter suas teorias enfiadas goela abaixo. ter um pau enfiado no cu, homem, é de uma hombridade reveladora e transcendental. ter um pau enfiado no cu, poeta, é coisa lorca.

meu corpo veio da terra do pó da pedra
minh'alma enraizada nas chapampadas do paraná
mas nasci com os olhos cheios d'água
e uma infinda querência de desmontanhar

acalme as ondas
acalme as ondas iemanjá
que eu já vou indo
que eu já vou **indomar**

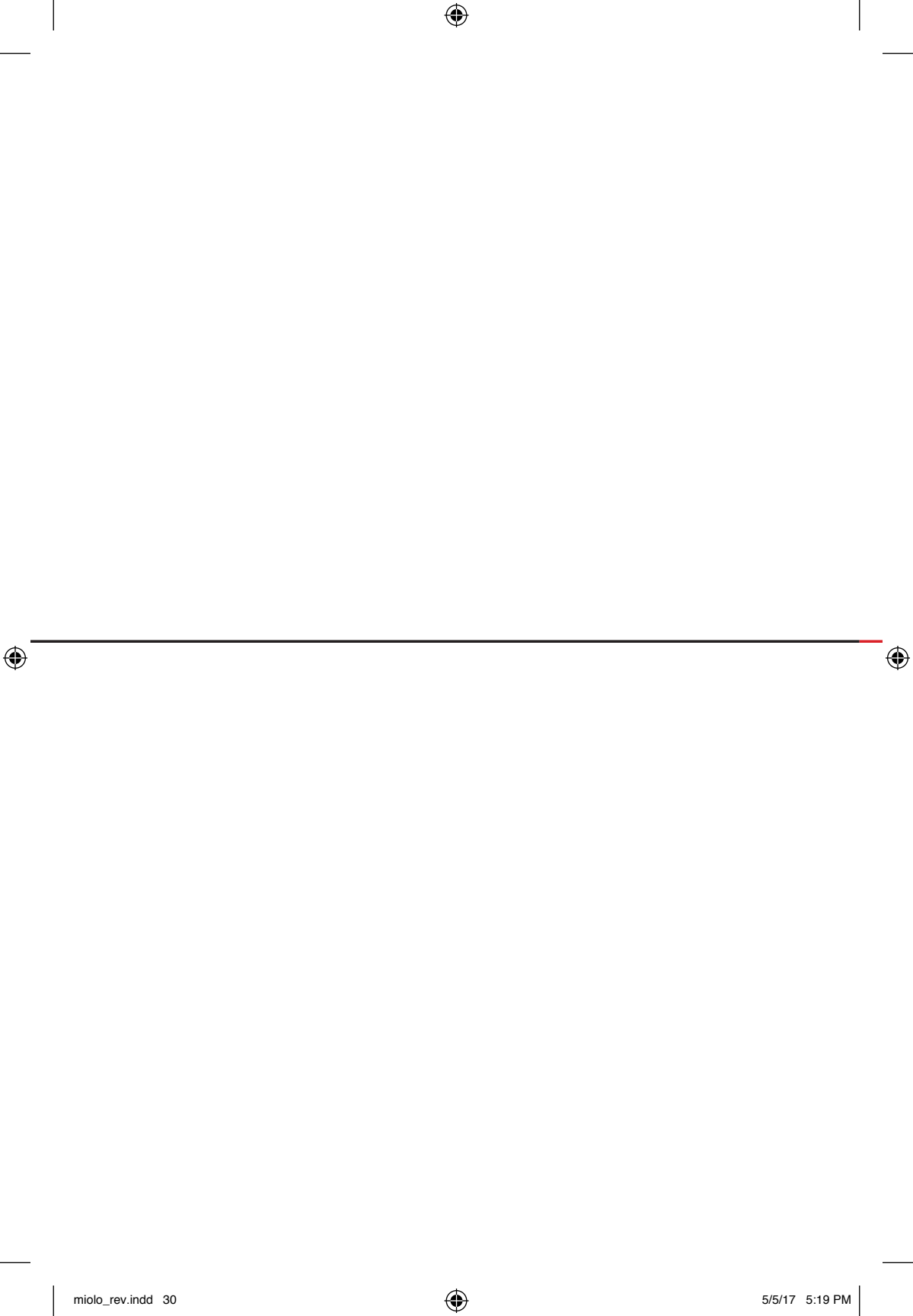
para que ela não alcachofra tanto
quando ele se abacater e passar de repente
mostra os amendoeiros plantados no peito
e toda a videira que há pela frente

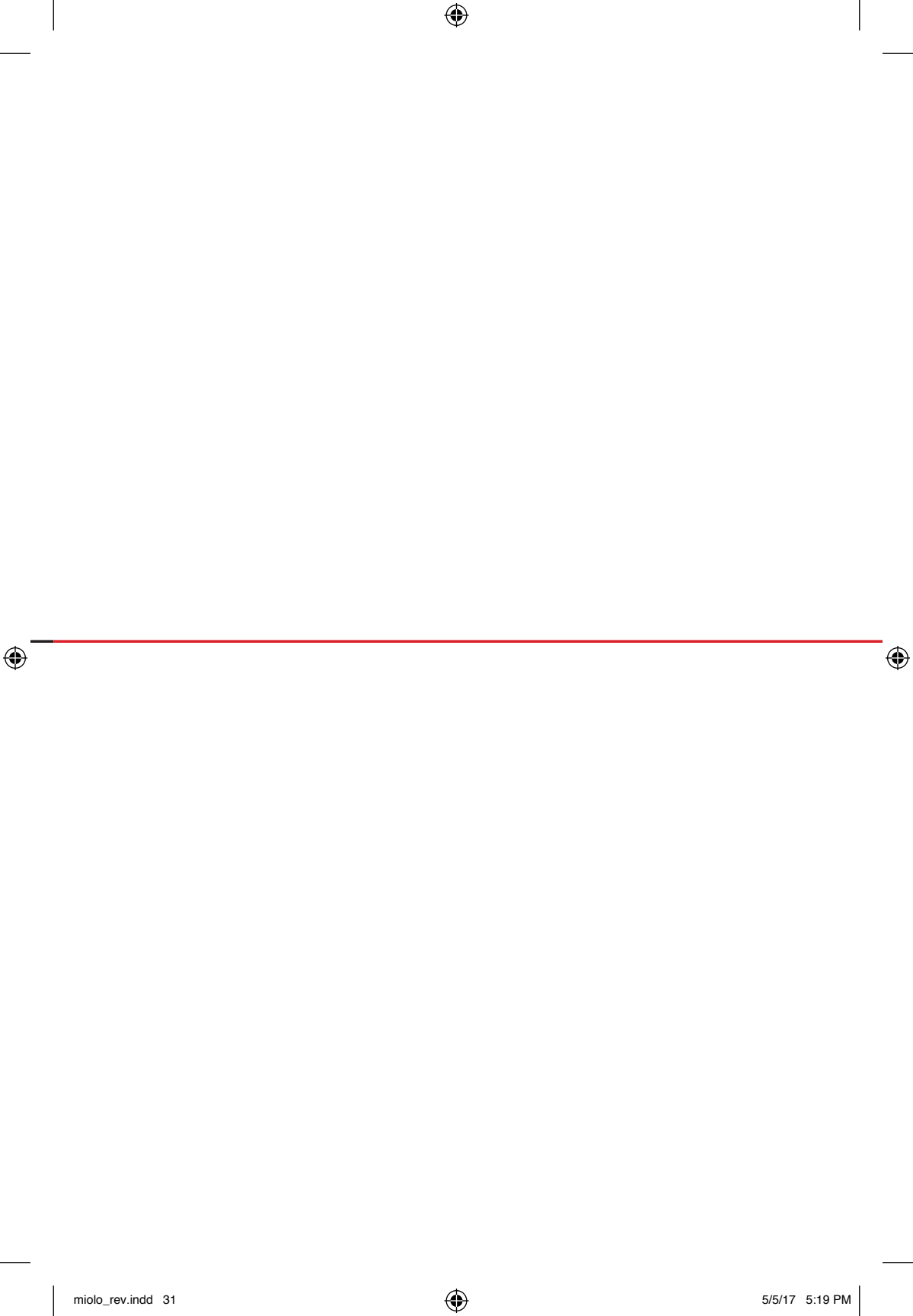
para que ele não cereja tão doce e enganado
por seu orgulho de mamão-macho
diz que cultivava as ameixeiras vermelhas
mas que na estação de desesperas

é que se aprende a **desfrutar**

para amar é preciso mereser amor
mas quem eu mereserei e quem você mereseria
se o amor merece dor e merece também alegria?







é madrugada e a água quente cai sobre meus medos
coando-os em mim como se fossem café amargo
que já bem cedo e bem seco bebo e bebo e bebo
para me manter acordado e jamais **desvairar**.
depois acendo o cigarro enquanto espero o ônibus
pro trabalho passar e logo vejo a melhor parte de
mim embarcar e eu fico mais do que sozinho eu
fico perdido e assim partido me demito de mim
e me refaço mais tarde. dez pras nove da noite
e olha que saí na hora do rush abro a porta de
casa e me abraço saudoso e me beijo em meus
rostos e me agarro e me fodo e me sinto vivo de
novo e ainda que a vida tenha avacalhado minhas
ideias e apertado meu pescoço eu coloco o papel
na máquina a poesia na alma e a fúria no corpo
e escrevo e escrevo e escrevo até esfolar os dedos
até sangrar pelos olhos até sentir que ainda posso
até morrer num soluço e renascer. ponto a ponto. aqui.

crie galinhas e crie pintos crie sambas e samambaias
crie lágrimas e poemas (se quiser dizer tudo sem
saber de nada) crie deus e crie porcos (no chiqueiro
do seu coração) crie minhocas (e tenha terra fértil
para as hortaliças ou iscas para peixes preguiçosos)
crie cobras (na cabeça) e cachorros (pra te lambar a
cara) crie calos na alma (e golpeie a vida com mais
confiança) crie obras-primas e crie grilos (com o
mesmo talento e a mesma dedicação) crie vergonha
crie problemas e crie até mesmo uma ilusão (caso a
paixão tenha se avolumado tanto no peito que chegue
a faltar o ar) crie ervas daninhas (para espairecer) crie
caso crie filhos cavalos oceanos crie juízo crie o que
for mas não crie esperanças (não crie esperanças:)
só isso já bastaria para salvar o mundo das trevas

ela tem um andar qual quer
o mundo a seus pés
negra **negraceando**
nega negaceando
o sistema branco

seria a vida **amargarida**
seria o bem-me-quer malferido
não fosse o amor erva-doce
não fosse tão violeta
essa esperança que sinto

hoje há um mcdonalds em macondo
o exército americano invadiu a pasárgada
enforcou o rei e cortou as mãos do poeta
macunaíma virou guerrilheiro
está exilado na sierra maestra

hoje me sinto **rubro**

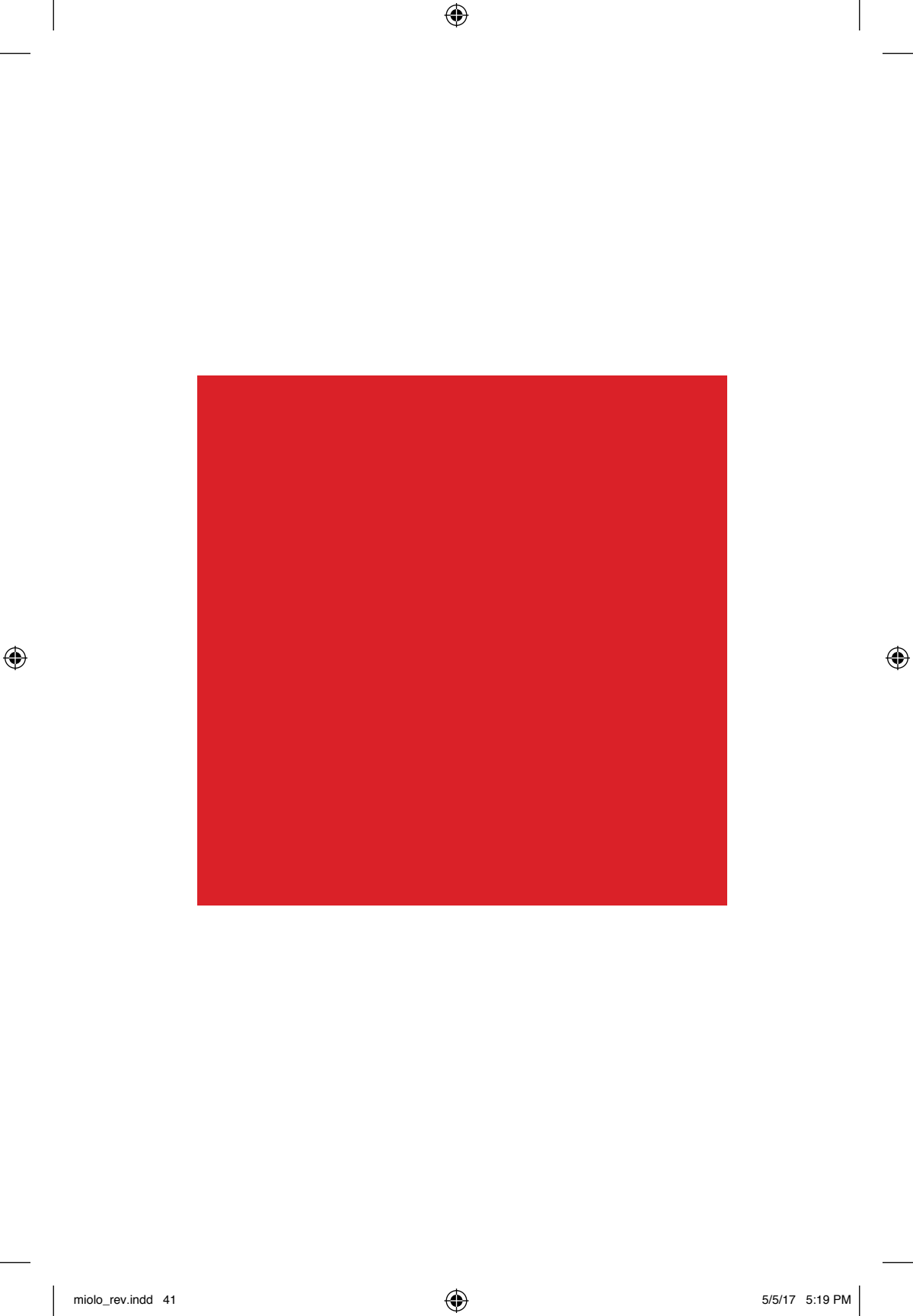
hoje há um okupa freegan em rockland
tietá foi lutar com os curdos em kobane
e levantou uma trincheira da ypj em santana do agreste
os zapatistas sitiaram spriengfield
e ameaçam arrancar a verdade das garras do império

hoje me sinto **negro**

eu empreteço, eu empreteço, já me sinto livre, mulher,
a ninguém pertenco. faço lenha do tronco, rompo o cabresto,
só agora percebo, mulher, tenho um **quilombo no peito**.

eu sou o **outremim**





apesar de kronstad
li neruda demais para odiar os comunistas
só acho uma pena que maiakovski
não tenha vivido a **makhnovtchina**

a poesia
raro leitor caro poeta
a poesia floresce no capitalismo
como o cogumelo floresce na bosta



como posso te querer
se você nem sequer...

te quiero com limão e sal e cachaça te quiero
gritando louca bêbada desvairada
te quiero crua e calada te quiero sangrando
molhada
aberta
escancarada
te quiero anoitecida e estrelada
te quiero virgem puta essa vadia casta te quiero

apaixonada

te quiero aos berros e aos tapas
te quiero aos prantos e as praias
te quiero com outro
com outras
te quiero loba e leoa te quiero serpente
te quiero afiando as mágoas e desafiando o futuro
te quiero mucho

te quiero quente te quiero
repleta de dúvidas te quiero certeza te quiero
entardecendo lenta e me raiando aos beijos
te quiero com asas
e abismos
te quiero cariño
te quiero no banheiro na cozinha na lama no chuveiro
te quiero no meu peito e no meu caminho
te quiero bela e doce querência te quiero desalento
minha flor espinho

era viernes por la noche quando la libertad
encontró el amor
en el balcão de um bar de tango

ele tenía sus dos olhos de muerte
abiertos para la vida
quando escuchó del destino
una doce sinfonia:

“el caballero me concederia
una dança
de ideas?”

vil violentango tocando tanto y tanto
y las piernas tortas de la libertad
igual que un suingue de caetano
enlaçando las ancas del amor y le desnudando

amanhã por la mañana
antes que el amor despierte
antes que chegue el fin de semana
ou mais un samba y el olvido ou la saudade
la devuelva a la muerte pequena de los franceses
a las certezas y a la insônia
la libertad vestirá sus alas largas
y su saia corta
volará e irá embora para siempre
dejará solo un bilhete:
“quizás, quizás, **quixás**”

não sei se fui: se soul: ou se sereia
só sei dessa **imansidão** que me beira
quando você me beija e me deixa
assim tão sól

até mesmo o mar de amor mais atlântico, líndico e bravo
guarda ostras paixões cheias de pérolas e perigos
que a maré leva que a maré traz que amaré correr riscos
mergulhar sozinho no **triângulo das bermudas**
e encontrar o que havia perdido

eu ficaria ao lado dela mesmo se ela estivesse errada, e apesar de tudo, apesar do rubro e da alva, lá no fundo do meu coração romântico eu acreditei que na última hora ela deixaria de lado a liberdade e celebraria apenas o amor, o nosso amor, único e sem par, mas ela chegou com o cheiro de outro e me disse com as palavras mais suaves e sinceras que já ouvi - “eu te amo” - e então agulhou um disco da gal - fatal - e me pediu um abraço - meu abraço mais gelado - meus braços trêmulos - no meu peito essa cordilheira que ela jamais cruzará - eu sei - eu chorei por dentro - eu morri por dentro - desmoronei, “tá tudo bem”, ela dizia, mas disse a mesma coisa quando esfaqueou a musa com sete punhaladas no útero e um talho profundo no pescoço - matou, morreu e depois renasceu mulher - essa que agora vive no mundo das nuvens, nesse tempestuoso azul tão cheio de si, tão longe do chão - **minhas trevas trovejam mesmo nos seus dias de sol**

o ciúme que **raposa** no meu peito
é traiçoeira e sai às vezes pra caçar

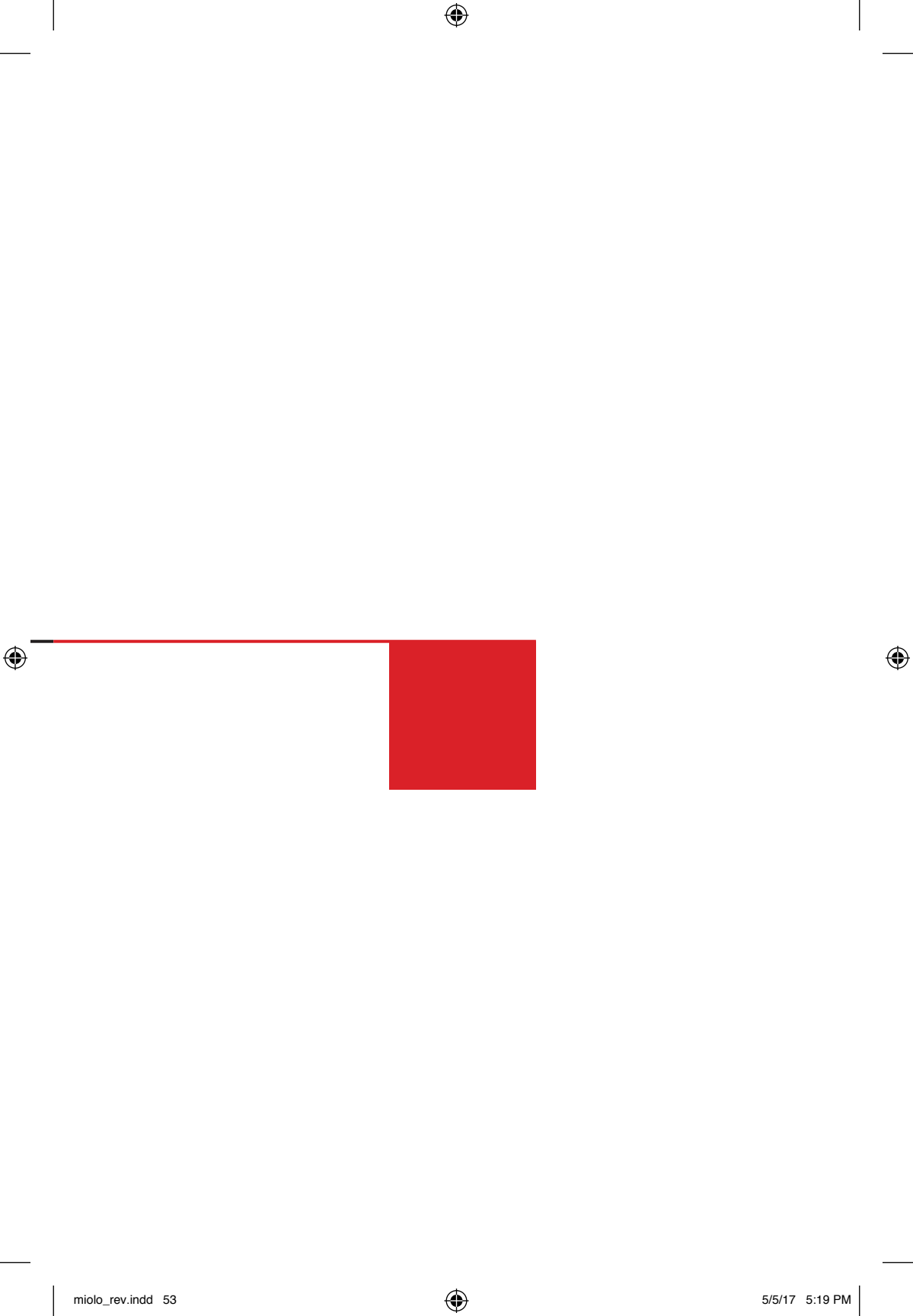
já matou três ou quatro amores perfeitos
ela te fareja ela quer te ver sangrar

mas de nada adiantou eu te pedir
pra você se esconder bem no fundo de mim
pra ela jamais te encontrar

você recusou a espingarda
e minha permissão pra atirar

você me levou pro meio da selva
você me disse que também é fera
e perguntou: qual das duas você se atreve a enfrentar?





mesmo ensimesmado senti
cada sismo seu rachar em mim
e o sertão do meu peito virar
esse imenso **cismar**

me deixe
encampar teu corpo
embandeirar teus sonhos
e te matar de amor

não pregue em minhas pregas - irmão de fé - meu papa é o fio terra
e meu pastor é o pingo de dor - que incendeia o orgasmo
esse que voa até sua boca - como hóstia cremosa
que vem do meu caralho - não reze por meu rabo
dolorido e apaixonado - cada estocada - é **uma oração a baco**
e um beijo - grego - enche de alegria - meu coração encurralado

eu transo drogas e eu transo; eu passo a bola, no entanto:
eu sambo histórias, eu-mambo. estranho hóstias, malandro.
eu santo e rosas e espanto. eu louco. lógica. encanto.
eu poupo a glória, **meu tanto.** é pouco... é pouco.. é pouco.

se me olhar com seu olhar **veráz**
que ainda te amo
que agora mais

se ela fica **recolina** de tristeza
eu morro de santa teresa

eu vou ver o fimdo mar

caminho eras ao longo das orlas
em que o tempo ancora as mágoas
e deixo a maré subir até as estrelas
e me naufragar das ideias mais estúpidas
que garoam cadentes no meu peito

e agora tem essa enchente aqui dentro
essa enchente no chão que foi feito de mim

ah, quem me dera, odara
voltar a ser somente dela
o poente de um grande amor
aos poucos se apaga se esfria e nos cala
a aurora de odara já tarda em fazer-se memória

sua bandeira vermelha tremula em meu negro poema
da noite fria aqui dentro eu vejo seu dia raiando lá fora

no alvorecer do teu coração
alvoroça-se um sim e um não
como dois pássaros de verão
que veem nascer um dia frio

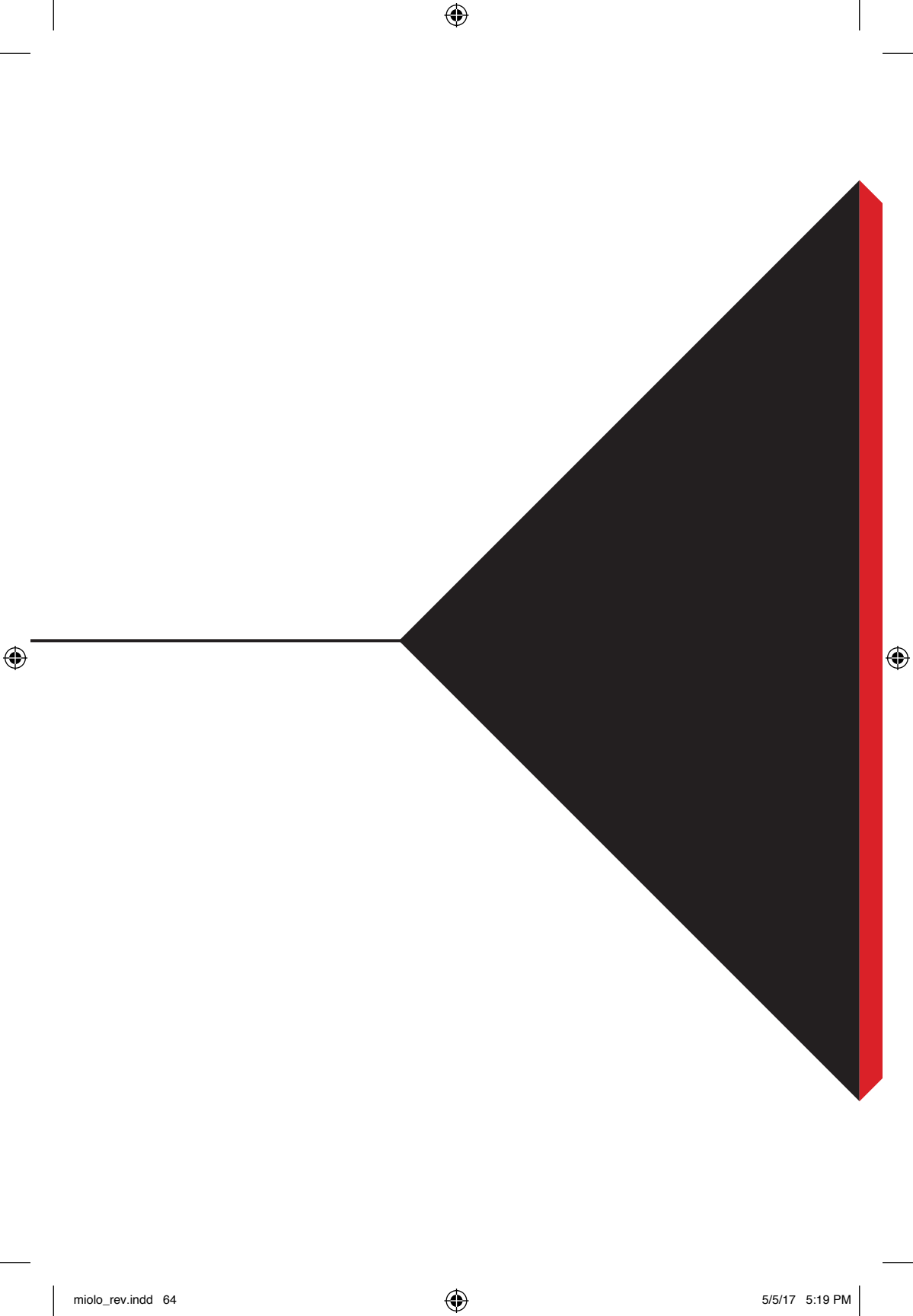
já voltam voando pro nosso ninho de lã
porque hoje de manhã
quero me acobertar nos teus braços

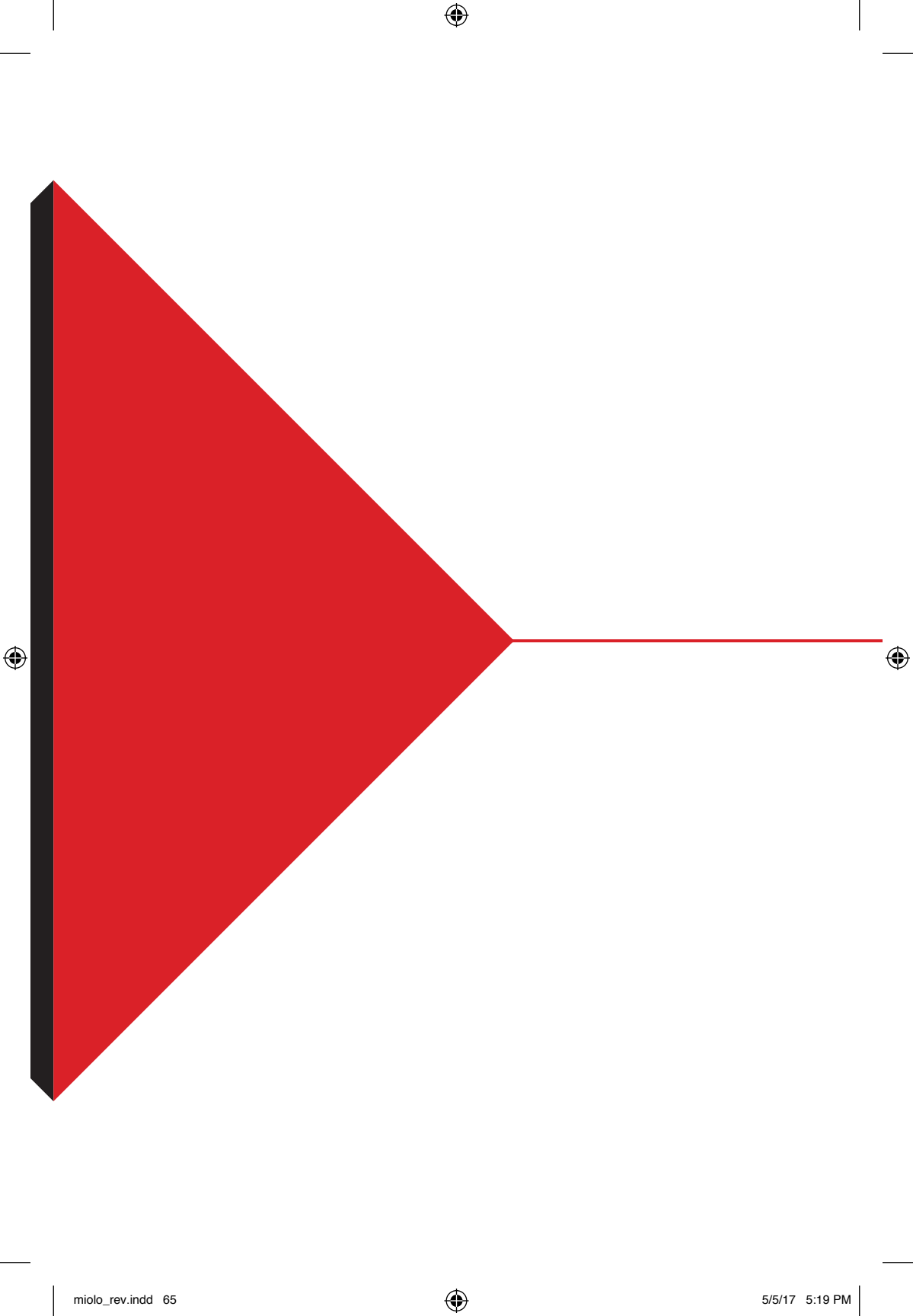
te quero
y te quero assim ensolarada
vem trazer a alva rara
pra esse inverno em que eu vivo

vem e derrete essa geada
vem dizer que toda madrugada
tem primavera nos teus beijos

já que o fruto é doce e a sombra perigosa
já que a terra é fofa e a raiz profunda
já que o vento é forte e balança e pende
já que a folha dança e vai embora
já que ainda estou no seu pé
já que você ainda me quer

jáqueira





queria dizer eu te amo
mas lá vem você com aquele sotaque de trovoadas
e seu jeito de relampejar as palavras
tão delicadas e fatais
por isso eu digo apenas
me desculpe meu bem não dá mais

acabaram-se os temporais

ele não se arrependeu de seus eros
ela não reconheceu que hera que é que foi
ele deu uma bola e ela deu um dois
eles deram mais uma e depois
eles sideram um ao outro
como **sóis que se põem**

se o agora só agoura eu e você
o amanhã há de amanha e ser

nós dois também

meu **coração morrediço**
ainda há de viver disso:

amor

que se rompa o monopólio dos afetos
que eles vão e voltem como a brisa efêmera dos desejos
e a fugaz eternidade do esquecimento
como a incendiária possessão das paixões
e a brasa morna que mantém os corações aquecidos
nos tantos outonos e invernos dos grandes amores
que **os românticos** sejam enforcados na corda bamba do ciúme
ou morram afogados nas lágrimas de seu sofrimento sincero

a todos esses espero
com um abraço apertado
na porta de entrada
do inferno

que coisas são essas
que o coração contenta e a cabeça condena
que o pau excita e a mão hesita
que a alma traga e o corpo trava
que a voz é rouca e a mudez louca
que você sim e o mundo não
que coisas são essas
que parecem valer a pena mesmo sem valer nada?

como a poesia
aí, poeta, como diferenciar
as coisas que valem a pena,
da pena que vale as coisas?

se a dor vive
que a erva-mate

mas se o amor está
vai que **jacarandá**

**quintal-se a gente
fica já e fica aqui?**

a violácea via láctea que jorrou do pau de deus
e te lançou na terra já desmamado
terra-que-o pariu um puto um louco um poeta
terra-que-o sugará de volta para a terra
e cuspirá seus ecos no desfiladeiro dos céus
e acinzentará as nuvens com suas palavras
e chorará cometas
e cometerá o verso da vida
e o amor nascerá de novo
de um lugar tão ermo
quanto o coração humano

para que um nenhum agreste-reste em nossos-ossos-sós
para que este ruivo-uivo não soe somente como um termo-ermo
como um berro-erro numa savana-vã
esqueça que o medomina sua culpaixão
e a mágoa-água encharcando-encharca um desalento-lento
intua que em tua fibra vibra uma esperança-herança
de que a angústia - essa ânsia-anciã - nos ensina-a-sina
de sermos apenas uma feliz-lis
e muito embora em nossa almamante se enevoe-e-voe
uma imensaflição
que sejam nossas as pétalas da mais doce **trevastidão**



já era hora
colocou sua **dorquídea** para dormir do lado de fora
e tomar um pouco de céu





peço asilo poético no seu colo e me aninho na sua insensatez
com aquelas garras afiadas de pantera
ela faz cafuné em minhas ideias - que sangram -
enquanto me diz
que compersão é a palavra mais feia
com o significado mais lindo
que brota vermelha na beira do pântano e se abre sorrindo
que deveria se chamar borboleta ou saudade ou jaçanã
ou ter o nome da flor que nasce da pedra
ela diz que toda paixão tem sua vez
e que em meu peito há medo demais
de encontrar e de perder
como se faz de um sonho a revolução?
me conta como se transforma dor em paz
e o mar inteiro em cais

e à deriva eu ouvia suas certezas como quem mira o horizonte
todavia não a via - só havia a via só
em seu olhar distante

aquece o meu corpo e aquiesce a minha convicção
aquieta esse soluço com qualquer boba ilusão
já vivo minha terceira ou quarta solidão
e a melancolia pinta em meu peito essa densa escuridão

não!

não!

não!

que a anarquia se engrace em meu pranto e o leve embora
se a anarquia singrasse em meu canto o oceano de iara
você seria enseada e meu lábio tocaria tua dor
onde uma onda ressaqueia
e o mar se reparte em areia
neste fim de tarde de nós dois

como sempre tanto nunca a minha frente
tanto sempre como nunca logo atrás

vai... essa cachoeira de ontem
que hoje **sanga** e escorre nos pés

cada remorso é um remanso de mágoa
que extravasa no peito quando chove uma lembrança

amarga
dança das águas

anda dandara mãos dadas com uma gaia do povo
samba dandara na roda na beira do sumidouro
canta dandara um poema triste de darwish
zanga dandara que é teu este mundo novo
quanta dandara na rua na cara da mãe de rojava
santa dandara das putas das donas de casa
planta dandara o céu que te chove
o chão que absolve teu sangue
abilônica dandara
que ginga e que vinga a capoeira de pedra de palmares

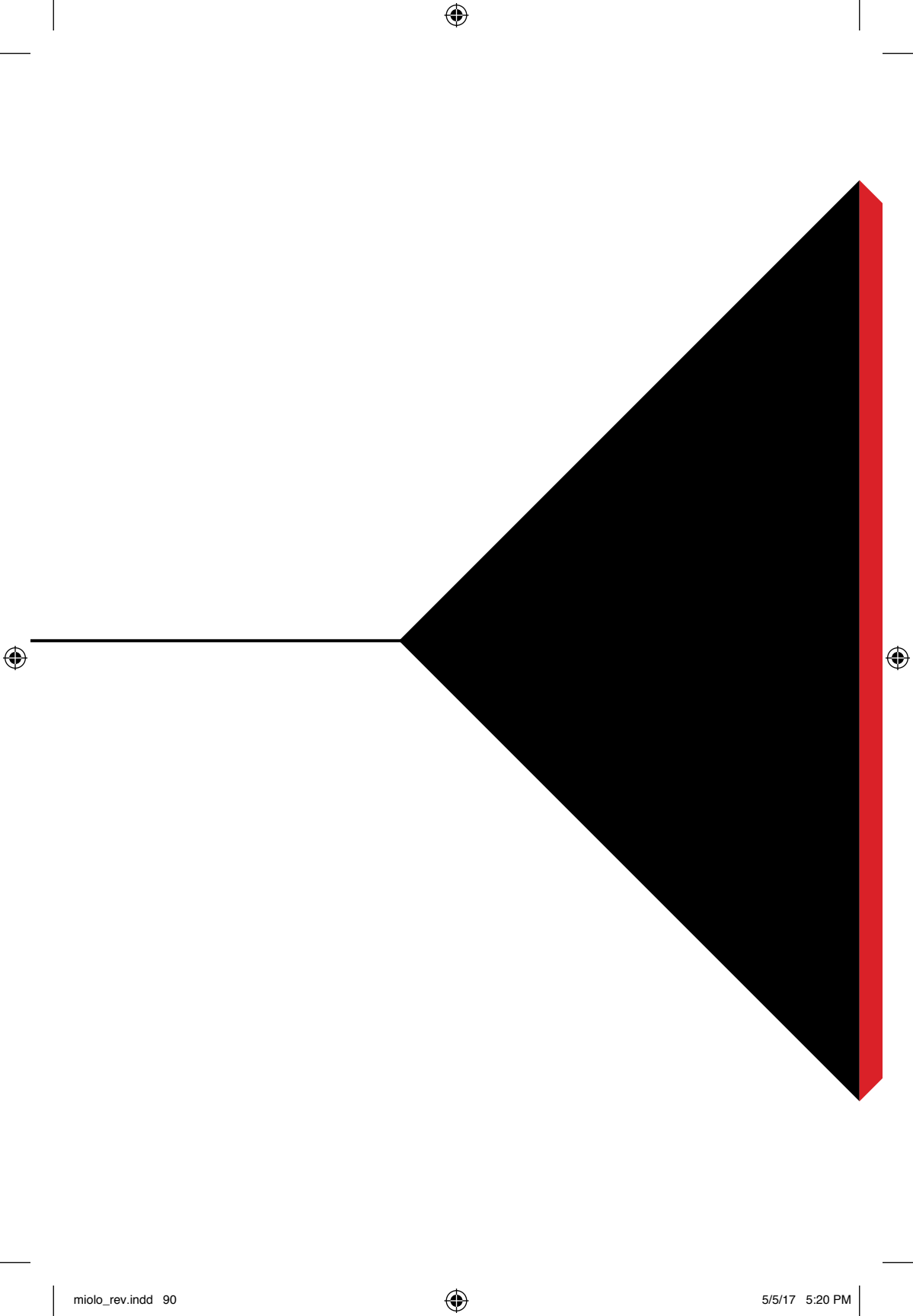
here nesse instante tempow they ask – es que – será será será
que **hámanhã** será será será toosorrow como já?
não they know, corazón, como hoy dói como oye mi laminto
sinto mucho sinto so soul tiered
y tan-tão sadnesse dielírio
look nos mis eyes: seementes, saca? understente, por favor!
monte nesses tabulls que fazem hellva of the gardim
donde la poetry mismo en essa mud-but-bud
como butterfly cheia de boboletras
vuelanós todos adentrown

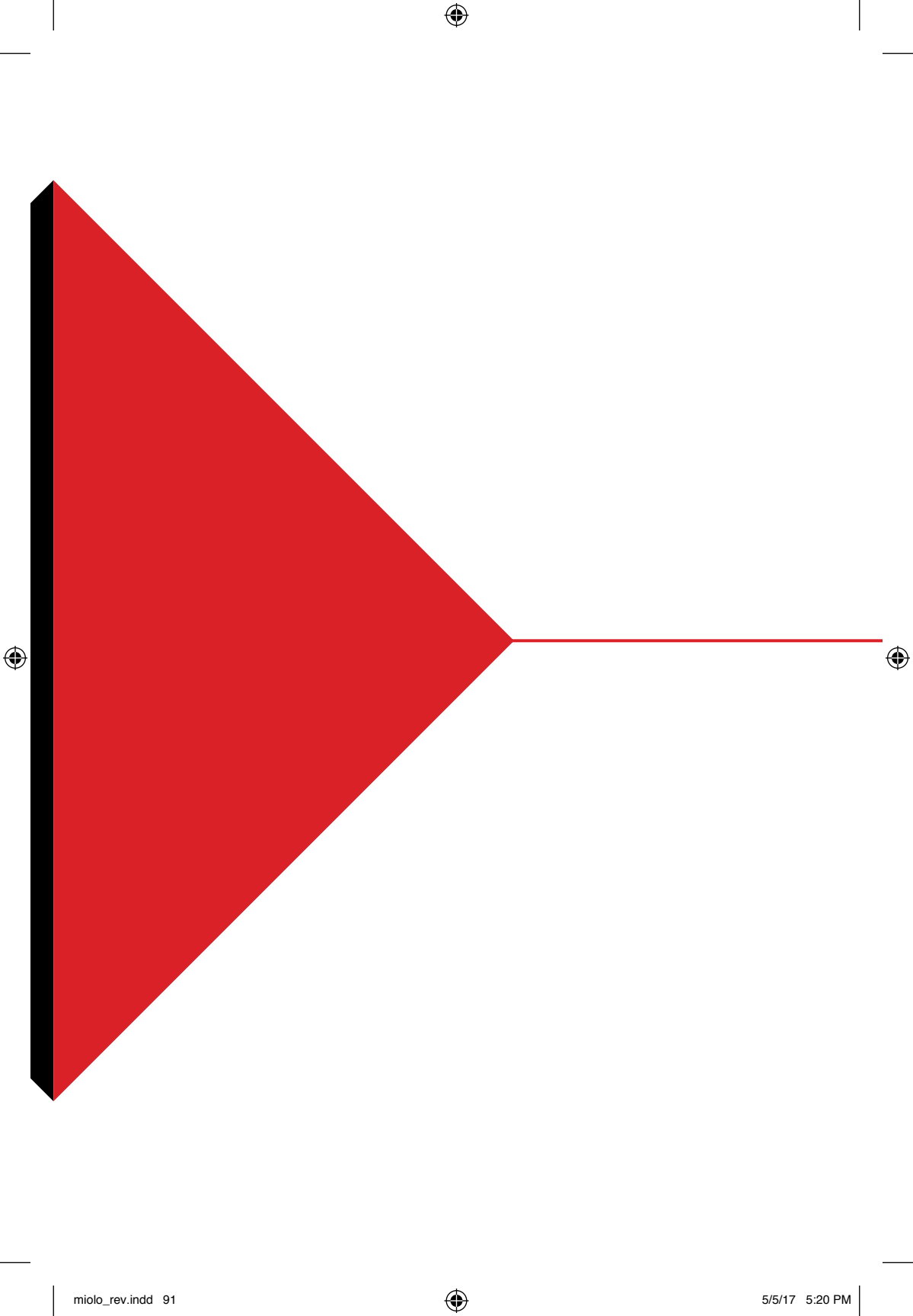
não precisa estar longe pra sentir saudade
a distância tem dessas sacanagens
quando esperar nos faz um porto um cais ainda mais fortes
e se chorar nos faz um pouco mar um pouco mais
amar as margens
o sal é doce meu amor quando é **saldade**

quem vai embora ora fica
embora quem fica agora vá
a cada dia uma pequena despedida
é esse aperto que aparta que afasta
quem está junto e já faz falta por estar
a saudade de quem está perto dói bem mais



se o colibrilho dos seus olhos voar pra longe de mim
uma andorzinha fará ninho no seu coração?
bem sabiás que sim
mal sabiás que não



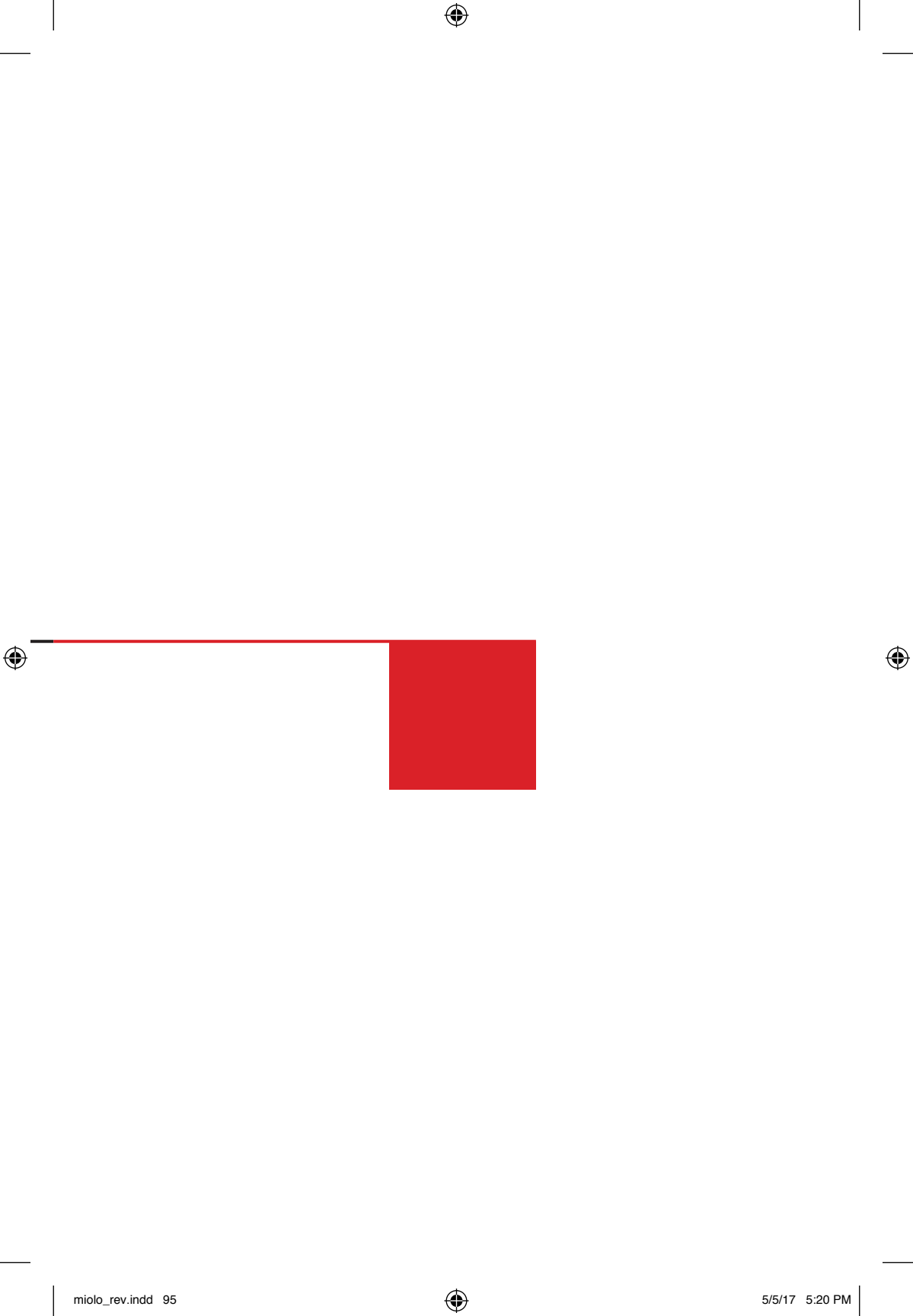


índice

- .a alegria-ria (*para minha tia pedra*)
- .semhora (*para minha mãe*)
- .como a eternidade (*para arnaldo antunes e tulipa ruiz*)
- .black utopia (*para leminski, jards macalé e gérard de nerval*)
- .rojita (*para giovana suzin*)
- .todo dia bem cedo (*para chico science e baden powell*)
- .amacieira (*para giovana suzin*)
- .isso é linguagem (*para augusto de campos e nicanor parra*)
- . (*para kapka kassabova, ludmila balabanova e petar tchouhov*)
- .corpo tolo corpo (*para angélica freitas e fabiano calixto*)
- .romãnhã (*para alice ruiz*)
- .proesia (*para paulo César de carvalho*)
- .um pau enfiado no cu (*para lorca*)
- .indomar (*para minha irmã*)
- .desfrutar (*para giovana suzin*)
- .para amar (*para mallarmé e eduardo lacerda*)
- .desvairar (*para waly salomão*)
- .só isso já bastaria para salvar o mundo das trevas (*para José craveirinha*)
- .amargarida (*para cida predrosa*)
- .negraceando (*para mel Gonçalves, valentina, liniker e fernanda farias de albuquerque*)
- .rubro negro (*para alberto fuguet, ypj e para comandanta ramona*)
- .quilombo no peito (*para solano trindade e lima barreto*)
- .outremim (*para rimbaud e pessoa*)
- .makhnovtchina (*para nestor makhno, neruda e maiakovski*)
- .o cogumelo (*para mario benedetti e g.a. matiasz*)
- (*para laura lydon*)
- .te quero (*para giovana suzin*)
- .quizás (*para caetano veloso e joaquin sabina*)
- .imansidão (*para giovana suzin*)
- .triângulo das bermudas (*para jorge drexler*)

.minhas trevas trovejam mesmo nos seus dias de sol (para joan peiró,
 juan lópez, joan garcía oliver e federica montseny)
 .raposa (para horacio oliveira)
 .cismar (para giovana suzin)
 .me deixe (para giovana suzin)
 .uma oração a baco (para piva e as bahias)
 .meu tanto (para patativa e baudelaire)
 .veráz (para giovana suzin)
 .recolina (para chacal e ana cristina cesar)
 .orlas (para noémia de sousa)
 .aurora de odara (para giovana suzin)
 .te quero (para cora coralina e carolina de jesus)
 .jáqueira (para giovana suzin)
 .os temporais (para holden caulfield e hans castorp)
 .sóis que se põem (para giovana suzin)
 .nós dois também (para giovana suzin)
 .coração morrediço (para thiago galego)
 .os românticos (para fabio navarro)
 .como a poesia (para torquato neto)
 .jacarandá (para adélia prado)
 .quintal-se (para helena kolody)
 .a violácea via láctea (para ademir assunção e sérgio vaz)
 .trevastidão (para mahmoud darwish e salvador puig antich)
 .dorquídea (para céu e marley)
 .todavia não a via - só havia a via só (para diane di prima e hilda hilst)
 .não! (para emma goldman)
 .sanga (para meu pai)
 .dança das águas (para tibério azul)
 .babilônica dandara (para as mães de maio)
 .hámanhã (para lucía e luce)
 .saldade (para vinicius de Moraes e gal costa)
 .? (para giovana suzin)





Esta obra foi composta em Libre Baskerville
em maio de 2017 para a Editora Patuá.

se desde os idos mais primórdios da pós ultra-super-protomodernidade a linguagem não representa mais a realidade, se ela perdeu essa capacidade, que represente agora os sonhos, as ideias sutis, os sentimentos impronunciáveis, as dores inescapáveis e também as lutas que merecem ser lutadas. a resistência. se a cicatriz do colonizador nos marca a boca como o beijo doce do inimigo, se mostra seu prazer e sua dor como uma chupada vampiresca nos grandes lábios de nossa língua mãe, se enrouquece nossa voz como se apertasse o pescoço, que o devaneio rebelde das palavras, e especialmente sua dimensão histórica e política (e libertária), fale mais alto que os dicionários enlaminados, que se queime nas jaulas de fogo da gramática europeia, que rompa o cabresto burguês das regras ortográficas e coma o cu do cânone como se deflorasse um virgem velho e enrugado. a poesia de *amorte chama senhora* está preocupada com o potencial miscigenador e antropofágico das palavras – em metê-las umas dentro das outras num sentido orgástico, sexual e poliafetivo completamente avesso a essa tediosa normatividade cis das línguas paternalistas (e todo o preconceito e a caretice proto-religiosa que delas descendem como corrimento - sintático, semântico, fonético e hegemônico). a poesia deste livro está preocupada, portanto, com a dimensão política, histórica, afetiva, transcendental, libertadora e anárquica da própria poesia, o fronte mais incontrolável, e por isso o mais belo e difícil, da linguagem. esta poesia se pretende uma rachadura, uma fratura, uma brecha por onde o ar entra como tempestade. inspire.

Tiragem de 500 exemplares